

---

# O operário da utopia

Affonso Romano de Sant'Anna\*

**A**panhado em meio à noite,  
jogado ao chão da cela,  
o corpo nu conhece  
a primeira humilhação.  
Outras virão: o soco,  
o choque, a ameaça,  
o urro na escuridão.

— Quantos *volts*  
suporta um corpo  
— em coação,  
até que dele escorra o fel  
da delação?

— O que procura o tortura/dor  
nas pedras do rim alheio  
como vil minera/dor?

— O que ama esse ama/dor  
da morte?  
esse morcego suga/dor  
sob os porões da corte?  
esse joga/dor  
do jogo bruto  
e cria/dor  
do luto?

O tortura/dor se sente, e acaso o é,  
um trabalha/dor diferente:  
seu trabalho é destruir  
o sonha/dor insistente,  
como o médico que resolvesse  
matar de dor  
— o cliente.

Mas sob a tortura  
o que há de melhor no homem  
jamais se manifesta. Quando muito  
podeis catar no chão  
o pouco que dele resta.  
Mas soltai-o em festa, ao sol,  
e vereis que a verdade  
de seus gestos se irradia.  
Livre  
vestindo a pele do dia  
o torturado caminha  
com seu corpo tatuado  
de violência e poesia.

Mas ele não marcha só.  
Apenas segue na frente  
na direção da utopia.